SBH
Pt 1991
exis mgos
1957/10/20
A Sibiana

A' MARGEM DOS LIVROS

Alvaro Augusto Lopes

"CAMINHOS E FRONTEIRAS" — Sérgio Buarque de Holanda — Livraria José Olympio Edit. — Rio — 1957.

PAULISTA da capital, não obstante o nome que sugere possíveis antepassados nordestinos, o sr. Sérgio Buarque de Holanda se vem dedicando, há muitos anos, a estudos e pesquisas de documentos, arquivos e fastos da nossa história, de que nos dão conta seus livros anteriores, "Raízes do Brasil", "As Monções" e outros assaz densos de informações, comentários e "achados" valiosos. A monografia ora publicada, sob o título "Caminhos e Fronteiras", versa o mesmo tema, quer dizer, a investigação paciente, servida de amplo cabedal de erudição bibliográfica peculiar, a respeito do desenvolvimento dos hábitos, culturas, usos e técnicas do indígena e dos seus imediatos descendentes, continuados até a atualidade. Reimpressão de ensaios esparsos publicados, encerra texto substancioso, digno de acurado manuseio e meditação.

A gravura e o documento fidedignos, aqui reproduzidos, allam-se para aumentar o prazer da leitura, já de si amena, pelo pormenor pitoresco e pela variedade dos assuntos abordados, sempre sob ângulos pessoais bem escolhidos. O A. nos descreve, em amplas perspectivas, a marcha da civilização que progrediu do litoral para o interior, pelo sistema arterial das "veredas de pé posto", como as designa no capítulo de início. O termo "caminho", na significação subentendida de "convite ao movimento", quer, na frase do historiógrafo atual, "apontar exatamente para a mobilidade característica, sobretudo nos séculos iniciais, das populações do planalto pau-

lista — em contraste com as que, seguindo a tradição mais constante da colonização portuguesa, se fixaram junto à marinha". — Em troca, ainda segundo o A., "essa própria mobilidade entre elas (as populações) é condicionada e irá, por sua vez, condicionar a situação implicada na idéia de "fronteira".

Tudo quanto concorreu para conformar a unidade ulterior da gente brasileira, em seus hábitos, instituições, costumes, técnicas rurais, indústrias caseiras, é aqui rastreado. Remontase ao tempo do homem primitivo, ao rudimentarismo dos seus utensílios de caça e pesca, iguarias, armamentos, farmacopéia empírica, plantas medicinais dos trópicos, abusões e crenças supersticiosas do curandeirismo primário. No capítulo das técnicas rurais, estuda-se a transição que se efetuou para processos mecânicos mais adiantados, em luta com a tradição conservadora e atrasada, que telmava subsistir, como aconteceu com os monjolos de água ou "de pé", as antigas rocas de fiar, os teares domésticos simples e úteis, que sobreviveram até anos recentes, em lugarejos distantes dos centros modernos.

Um pormenor, que talvez surpreenda muitas pessoas, será a rememoração da cultura do trigo em terras do planalto de Piratininga, a anteceder a do café e algodão de nossos tempos — quando ainda havia em plena produtividade a riqueza econômica da mandioca e do milho. — "Os inventários seiscentistas — lembra o A., na pag. 210 — também fazem alusão à presença do trigo e dos trigais, nos sítios da roça". — Faltou evidentemente, àquelas populações, desajudadas de recursos mecânicos e técnicos apropriados, com suas azenhas de água e moinhos precários, os meios imprescindíveis para tornar o pão de trigo nacional uma realidade até hoje ainda remota, nesta região.

Na arte de entrançar o fio e urdir a tela, ainda se investiga e se depara com o legado da cultura indígena. A rede, com a trama intrínseca e desenhos clássicos e retilíneos, foi herança vetusta do habitante selvícola. Em terras paulistas sua obrigatória presença surpreendia o sábio Saint-Hilaire, que não havia observado esse "móvel" no território de Minas". — ▲